

VIOLÊNCIA RELIGIOSA E EXPERIÊNCIA MÍSTICA EM SIMONE WEIL

RELIGIOUS VIOLENCE AND MYSTICAL EXPERIENCE IN SIMONE WEIL

VIOLENCIA RELIGIOSA Y EXPERIENCIA MÍSTICA EN SIMONE WEIL

Denis André Bez Bueno¹
Renata Adriana Garbossa²

Resumo

Este artigo tem por finalidade explorar a questão da violência e seu nexos com a religião a partir da filosofia eminentemente processual-existencial de Simone Weil. Sendo a experiência religiosa o meio pelo qual o homem relaciona-se com o transcendente, expressando as reações e permitindo, através delas, o contato com sua própria existência e suas próprias raízes, constitui-se em um tema extremamente atual. Inicialmente, será feita uma explanação do contexto da primeira metade do século XX em seus elementos mais pungentes, que irão determinar o itinerário do pensamento de Weil, marcado por uma profunda preocupação com o sofrimento humano. Posteriormente, será abordado o problema da violência em seus pressupostos essenciais e em sua ligação com a religião, isto é, o judaísmo histórico e o cristianismo institucionalizado, centralidade do trabalho. Finalmente, será analisada a experiência mística a partir de um Deus essencialmente não violento que conduz ao processo de descreação, ou seja, de negação de si mesmo, que constitui em uma proposta da filósofa diante da realidade de opressão.

Palavras-chave: filosofia; existência; violência; religião; mística; Deus; transcendente; descreação.

Abstract

This paper aims to explore the issue of violence and its connection to religion, considering Simone Weil's highly processual-existential philosophy. The religious experience is a means by which man relates to transcendence, expressing its reactions and allowing, through them, contact with its own existence and roots, an extremely current topic. Firstly, the article explains the context of the first half of the 20th century in its most poignant elements, which will set the path of Weil's thinking, marked by a deep concern about human suffering. Then, the study approaches, as a central idea, the issue of violence in its essential assumptions and its interconnections with religion, that is, historical Judaism and institutional Christianity. Finally, the mystical experience will be analyzed considering a God that is essentially peaceful and that leads the process of decreation, that is, denying itself, which constitutes a philosophic proposal towards an oppressive reality.

Keywords: philosophy; existence; violence; religion; mystique; God; transcendence; decreation.

Resumen

Este artículo tiene por finalidad explorar la cuestión de la violencia y su nexos con la religión a partir de la filosofía eminentemente procesual-existencial de Simone Weil. Siendo la experiencia religiosa el medio por el cual el hombre se relaciona con el trascendente, expresando las reacciones y permitiendo, a través de ellas, el contacto con su propia existencia y sus propias raíces, se vuelve un tema extremadamente actual. Inicialmente, se ha de explicar el contexto de la primera mitad del siglo XX en sus elementos más pungentes, que han de determinar el itinerario del pensamiento de Weil, marcado por una profunda preocupación con el sufrimiento humano. Posteriormente, se planteará el problema de la violencia en sus presupuestos esenciales y en su conexión con la religión, es decir, el judaísmo histórico y el cristianismo institucionalizado, centralidad del trabajo. Finalmente, se ha de analizar la experiencia mística a partir de un Dios esencialmente no violento que conduce al proceso de

¹Graduando de Licenciatura em Ciências da Religião no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: denishendrix@hotmail.com

² Professora no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: renata.g@uninter.com

descriación, o sea, de negación de sí mismo, que constituye en una propuesta de la filósofa ante la realidad de opresión.

Palabras clave: filosofía; existencia; violencia; religión; mística; Dios; trascendente; descriación.

1 Introdução

O presente artigo pretenderá analisar a temática da violência e sua relação com a religião no pensamento de Simone Weil. A questão possui um lugar peculiar na reflexão da filósofa do século XX, dada a sua preocupação com o sofrimento na condição humana que é presente nas religiões com as quais ela entra em contato. Considerando o contexto espaço-temporal no qual emerge a figura de Weil, bem como entendendo seu pensamento filosófico como um processo existencial, é compreensível que ela tenha feito da sua vida uma busca constante pela verdade que a conduz às realidades mais pungentes de sofrimento da humanidade, tendo na compaixão pelos desventurados sua característica inerente.

Posteriormente, ao assumir traços místicos em sua atividade, Simone Weil irá entrar em atrito com certas posturas exclusivistas presentes em sua religião de origem, o judaísmo, a partir do que ela irá construir uma crítica evidente ao cristianismo institucionalizado, que mantém traços exclusivistas do judaísmo. *A posteriori*, Weil relacionará ambos com o império romano por sua pretensão colonizadora.

Sendo assim, esses elementos levam Weil a propor como alternativa a vivência de uma mística pautada em um Deus verdadeiramente não-violento e não-colonizador, mas humano e compassivo. Este Deus se manifesta mediante um processo contemplativo que tem por fim um ato de negação de si mesmo, isto é, a descrição, para que o transcendente integre o ego e o transforme em algo unicamente seu.

2 Filosofia weiliana: um processo existencial

Simone Weil³ é uma pensadora da primeira metade do século XX, situada na tradição filosófica da escola francesa da época. Tendo origem judaica, mas criada em um meio agnóstico, Weil vive uma experiência que sua razão jamais ousaria admitir e que, ao mesmo tempo, ela não pensa em hesitar, o que a faz concentrar uma parte considerável da sua reflexão à questão da condição humana fragilizada pela violência em uma realidade de império da força (Bingemer, 2012).

³ Simone Weil nasceu em Paris no dia 3 de fevereiro de 1909. Com 15 anos obteve o título de bacharel em filosofia, e em seguida preparou-se durante três anos para fazer o exame da Escola Normal Superior, com o auxílio decisivo do seu professor e filósofo anticonformista Alain. Em 1931 começa a lecionar na escola secundária para moças em Le Puy (Bingemer, 2007).

O pensamento de Weil se constitui de forma claramente abrangente, visto que: perpassou por diversos campos do saber; elaborou reflexões filosóficas sobre a ciência e sua origem; fez análises da conjuntura da época, como dos riscos do comunismo e do capitalismo, dos regimes totalitários como o nazismo; refletiu sobre o cristianismo e outras religiões; arriscou cogitar a existência de relações entre a presença de verdade entre as religiões e também delas com a filosofia e a mitologia gregas.

Weil foi discípula, professora, agnóstica, operária, militante e anarquista revolucionária; teve um encontro determinante com Cristo, aproximou-se da Igreja, tendo hesitado ao batismo até o último instante; foi mística e amou os desventurados chegando a sofrer com eles apenas por solidariedade. Quando não restava outra escolha que não a dor; Weil buscou conservar até as últimas consequências a honestidade e coerência que procurava manter entre atividade intelectual e prática existencial, evidenciando, em última instância, a força que a fraqueza do amor pode possuir (Martins, 2013).

Sendo assim, é evidente nos escritos de Weil um comprometimento social intenso, sobremaneira em defesa dos operários e dos mais desfavorecidos do seu tempo em um período de demasiada turbulência no mundo. Nascida em 1909, pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial, e tendo morrido em 1943 em meio ao período da Segunda Guerra Mundial, seu pensamento situa-se em meio a estas duas catástrofes em plano mundial, nas quais a barbárie e o sofrimento manifestaram-se de forma inédita e explícita, ocasionando uma ferida inaudita na humanidade (Martins, 2013).

O itinerário filosófico de Weil, então, vivido como prática existencial de forma rigorosa, aproxima-a de uma paixão pelo mundo e pelo ser humano a ponto de ter o coração profundamente afetado por tudo o que possa atentar contra a vida humana. Dessa maneira, sua vasta produção filosófica encontra-se permeada por estes mais diversos elementos. Entre suas obras, algumas fundamentais são *A Condição Operária*, *À Espera de Deus*, *A Gravidade e a Graça*, *A Ilíada ou o Poema da Força*, *Escritos Históricos e Políticos*, *O Enraizamento*, *Pensamentos Sem Fim a respeito do Amor de Deus*, *Reflexões*, além de seus *Cadernos* e de cartas dirigidas às pessoas com as quais se deparava e que influenciavam suas reflexões⁴.

O que exatamente fundamenta esta preocupação por fazer do seu pensamento uma prática existencial? É possível dizer que o pressuposto necessário de Simone Weil para formular seu pensamento filosófico é a busca da verdade, sua mais evidente paixão. Em um primeiro momento, ela acreditou que esta seria acessível somente em um plano teórico, embora ao iniciar

⁴*La Condition Ouvrière, Attente de Dieu, La Pesanteur et la Grace, L'Iliade ou Le Poème de La Force, Écrits Historiques et Politiques, L'Enracinement, Pensées Sans Ordre Concernant L'amour de Dieu, Réflexions, Cahiers* (títulos originais).

seus estudos filosóficos seu itinerário intelectual, já se revela marcado por uma paixão ardente que irá configurar toda a sua vida e culminará direcionando-a nos caminhos da política, do engajamento intelectual e da mística.

Weil encontrará a abertura à diferença do outro que determinará sua busca pela verdade não mais em termos teóricos simplesmente, mas também em maneira eminentemente prática e existencial (Bingemer, 2012). Esta busca eminente pela verdade é concebida pela filósofa, antes de tudo, como uma expressão de obediência aos acontecimentos e às circunstâncias, sem a qual não será um ato autêntico, posto que:

A busca incansável pela verdade foi o norte de toda a vida e do pensamento de Simone Weil. Busca incessante que a levou para caminhos diversos, tortuosos, sofridos, contraditórios e místicos. Manter-se na trilha que levaria à verdade não era apenas uma opção, mas uma vocação semelhante a um mandato divino, o qual não poderia recusar, apenas obedecer. Obediência levada às últimas consequências para não ser infiel à missão de encontrar a verdade (Martins, 2013, p. 25).

Em suma, pode-se afirmar que é esta busca obediente e ininterrupta pela verdade que determina o pensamento de Weil como um comprometimento sociopolítico. Vale ressaltar que sua filosofia, por vezes, é considerada obscura e confusa pelo caráter assistemático e fragmentário que possui. Este caráter é claramente perceptível quando se depara com a forma de escrita de Weil, isto é, pensamentos soltos para uso pessoal, ou ainda quando se evidencia que o intento do seu trabalho filosófico não é construir uma obra sistemática fechada, visto que sua preocupação não é teórica. Pelo contrário, sua reflexão implica a busca por uma conversão, ou seja, a procura por uma mudança de vida que progressivamente conduza com retidão sensatez ao conhecimento da verdade (Carvalho; Fachin, 2009).

Finalmente, é possível entender esta expressão quando ela mesma designa sua filosofia como um trabalho em processo, tornando-a um objeto de constante revisão e reformulação, e em termos de sua prematura morte aos 34 anos de idade no sanatório de Ashford, arredores de Londres (Estelrich, 2009). Haverá um momento bastante peculiar do pensamento de Weil que será dedicado à temática da violência presente na religião, mais precisamente no judaísmo histórico e no cristianismo institucionalizado, que será nossa centralidade no próximo tópico.

3 A violência e seu nexos com a religião

Primeiramente, é imprescindível reconhecer em Simone Weil o pensamento de que todos os homens carregam em si mesmos uma natureza animal, a qual condiciona suas atitudes

em relação aos seus semelhantes, mesmo que inconscientemente, por uma certa necessidade, ao passo em que:

Assim, por vezes, sem que o pensamento se dê conta, a natureza animal num homem sente a mutilação da natureza animal num outro e reage em concordância. O mesmo para todas as situações possíveis e as reações animais correspondentes. Esta necessidade mecânica possui todos os homens em todos os instantes [...] (Weil, 2009, p. 85).

Consequentemente, faz-se necessário esclarecer que a pensadora afirma a existência de um princípio que possibilita o ato da violência, propriamente dita, inerente ao ser humano, ao qual ela denomina vontade. Sendo assim, é preciso buscar obrigar-se a não fazer uso desse princípio por meio de um condicionamento da sensibilidade, mesmo que isso implique em revolta, porquanto:

[...] é preciso igualmente, numa medida limitada, mas na plenitude dessa medida, usar violentamente esse princípio violento; obrigar-nos por violência a agir como se não tivéssemos tal desejo, tal aversão, tentar persuadir a sensibilidade, obrigando-a a obedecer. Ela se revolta então, e é preciso suportar passivamente essa revolta, degustá-la, saboreá-la, aceitá-la como uma coisa exterior (Weil, 1993, p. 136).

Dessa forma, a cada ato por meio do qual se busca esse controle de impulso violento, constrói-se uma atitude de adestramento dessa natureza animal que há no ser humano. E diante de qualquer atitude opressiva, como a de pretensão colonizadora, Weil reforça que são manifestações desse desejo de destruição do outro, desse princípio violento, o qual necessitaria de um certo controle. E esta pretensão colonizadora é percebida por ela na religião.

Se constitui em um elemento recorrente e agudo das reflexões weilianas o nexo entre violência e religião, o qual, segundo ela mesma, não deveria existir. Pois lhe parece uma contradição inadmissível que se incorram violências respaldadas em um argumento religioso. Neste sentido, começamos por analisar a crítica que Weil faz ao judaísmo, sua religião de origem, com a qual sempre teve uma relação conflitiva, devido, talvez, à ausência de formação religiosa por parte da sua família. Ela não demora a atestar a presença da violência na religião judaica, ao passo em que se depara com noções como “eleição” e “povo eleito”, que lhe soam extremamente excludentes e demonstram uma contradição dos judeus, que não se dizem idólatras por não adorarem metal ou madeira, mas idolatram uma raça, uma nação, algo igualmente terrestre (Bingemer, 2007).

Weil encontra, por assim dizer, uma base comum entre os romanos e os hebreus que de certa forma fundamenta sua crítica, ao passo em que ambos se julgaram subtraídos à comum

miséria humana, os primeiros como nação escolhida pelo destino para ser a suprema do mundo e os segundos por um capricho de seu Deus na medida exata em que lhe obedeciam, pois:

Os romanos desprezavam os estrangeiros, os inimigos, os vencidos, seus súditos, seus escravos; por isso não tiveram nem epopeias nem tragédias. Substituíram as tragédias por jogos de gladiadores. Os hebreus viam na desgraça o sinal do pecado e, conseqüentemente, um motivo legítimo de desprezo; consideravam seus inimigos vencidos caídos em desgraça do próprio Deus e condenados a expiar crimes, o que tornava a crueldade permitida e até indispensável (Weil, 1996, p. 406).

Dessa maneira, a pensadora abordará sempre a partir de então a violência no judaísmo buscando referência na sua proximidade com a violência dos romanos. Irá se referir a ambos como “grande animal” em *A Gravidade e A Graça*, isto é, como o único objeto de idolatria ou o único *ersatz* (imitação) de Deus e que por isso carrega uma negatividade, uma vez que “Roma é o grande animal ateu, materialista, adorando apenas a si; Israel é o grande animal religioso. Nenhum dos dois é agradável. O grande animal é sempre repugnante” (Weil, 1993, p. 182).

Ao que é evidente, então, Weil assume uma postura essencialmente crítica com relação às formas históricas e religiosas do judaísmo, ao qual acusa como causa da corrupção do próprio cristianismo, porquanto “romanos e hebreus foram admirados, lidos, imitados nos atos e nas palavras, citados sempre que fosse preciso justificar um crime, durante vinte séculos de cristianismo” (Weil, 1996, p. 406). Dirá, ainda, que “a maldição de Israel pesa sobre a cristandade. As atrocidades, a Inquisição, os extermínios de heréticos e infiéis era Israel” (Weil, 1993, p. 188).

Enfim, isso tudo leva a jovem pensadora, que não aceita que se atribuam a Deus desejo e permissão de crueldade, a desejar que a Igreja se decretasse atea a respeito do Deus do Antigo Testamento. Aqui, justamente, adentramos na sua crítica ao cristianismo institucionalizado, o qual Weil acusa de infidelidade perante a mensagem de amor compassivo e incondicional legada por Jesus Cristo, em razão de que:

A cristandade tornou-se totalitária, conquistadora, exterminadora, porque não desenvolveu a noção da ausência e a da não-ação de Deus neste mundo. Apegou-se a Jeová tanto quanto a Cristo; concebeu a Providência à maneira do Antigo Testamento: Israel só podia resistir a Roma porque se assemelhava a ela, e o cristianismo nascente trazia assim a mancha romana antes de ser a religião oficial do Império. O mal feito por Roma jamais foi realmente reparado (Weil, 1993, p. 187).

Considerando-se cristã de modo profundo, Weil, todavia, tem problemas com a instituição eclesial, o que reflete o medo que possui diante de um provável autoritarismo que a Igreja possa efetuar em sua liberdade de pensar. Primeiramente, ela dirá que a inibição que a mantém fora da Igreja é devido ao seu estado de imperfeição, pelo qual se considera indigna de

participar dos sacramentos, e ao fato de a sua vocação e a vontade de Deus se oporem a este ato (Weil, 2009), mais precisamente ao falar sobre suas hesitações acerca do batismo ao padre Perrin.

Weil diz que a aceitação incondicional à vontade de Deus se impôs ao seu espírito como o dever primeiro e mais necessário possível, sendo que toda falta contra este implica em desonra, concepção que se configura em seu espírito a partir da leitura de Marco Aurélio, sob a forma do *amor fati* estoico (Weil, 2009). Depois, ela irá justificar sua vocação em conformidade com a vontade divina, afirmando a sua necessidade em participar de forma integral e máxima em qualquer meio humano, sem preconceitos ou diferenças, o que seria impossibilitado pelo ato do batismo que a faria ingressar na Igreja, uma vez que:

[...] quando antevejo [...] o ato pelo qual entraria na Igreja, nenhum pensamento me causa maior pesar que o da minha separação da massa imensa e infeliz dos descrentes. Possuo a necessidade essencial, e creio poder dizer a vocação, de passar por entre os homens e atravessar os diferentes meios humanos confundindo-me com eles, adotando a mesma cor na máxima medida admissível pela consciência, desaparecendo no seu seio, isto para que se mostrem tal como são e sem disfarce para mim. É que desejo conhecê-los a fim de os amar tal como são (Weil, 2009, p. 59).

Sendo assim, a pensadora manifesta claramente a sua hesitação em fazer parte de um meio, habitar um meio em que se diga “nós” e ser parte desse “nós”, pela necessidade que a impele em sentir-se estrangeira em qualquer meio humano (Weil, 2009, p. 45), movida em última instância pelo amor a coisas que estão “fora” do cristianismo visível (Weil, 2009, p. 87). Consequentemente, a aversão de Weil se estende mais objetivamente aos descomedimentos da pretensão colonizadora da Igreja no decorrer da história, em que ela cita o patriotismo:

Tenho medo desse patriotismo da Igreja que existe nos meios católicos. Entendo o patriotismo como o sentimento que se concede a uma pátria terrestre. Tenho-lhe medo porque tenho medo de o contrair por contágio. Não que a Igreja me pareça indigna de inspirar um tal sentimento. Mas porque não quero para mim mesma qualquer sentimento desse gênero (Weil, 2009, p. 44).

Assim, ela formula uma crítica à Igreja enquanto coisa social, ou seja, como algo que contagia e aliena poderosamente quem está a ela submetido, chegando a causar a cegueira. Posteriormente, é fundamental demonstrar que Weil afirma o fato de que o cristianismo deveria necessariamente conter nele todas as vocações sem exceção, pelo fato de que é católico, e por conseguinte também a Igreja. No entanto, não é o que ocorre na realidade, visto que o cristianismo é católico apenas de direito e não de fato. Dirá: “tanta coisa que se encontra fora dele, tanta coisa que eu amo e que não quero abandonar, tanta coisa que Deus ama, pois de outro modo não teria existência” (Weil, 2009, p. 67).

Por fim, é indispensável expor a reflexão que a pensadora faz sobre a encarnação do cristianismo no mundo de forma plenamente católica. Esta, por sua vez, é verdadeiramente impossível, devido a um obstáculo absolutamente intransponível, a saber, o uso das palavras *anathema sit*. Isto é ao mesmo tempo uma causa determinante que a impede de entrar na Igreja (Weil, 2009). Constitui-se um bloqueio à encarnação do cristianismo porque esta pressupõe necessariamente uma solução harmoniosa do problema das relações entre indivíduos e coletividade, no sentido propriamente pitagórico de harmonia, isto é, justo equilíbrio de contrários (Weil, 2009).

Weil recorre a indícios históricos para inferir que após a queda do Império romano, totalitário, foi a Igreja quem primeiramente determinou na Europa um esboço de totalitarismo, no século XIII, depois da guerra dos Albigenses, tendo como força motriz justamente o uso das palavras *anathema sit* (Weil, 2009). Sendo assim, ao proceder com esta atividade colonizadora-totalitária, a Igreja provocou um verdadeiro desenraizamento na vida dos seres humanos atingidos pelo seu trabalho de conversão, privando-os da participação real em suas coletividades destituídas de identidade, e assim furtando sua necessidade mais elementar, a saber, o enraizamento, porquanto:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. [...] Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. [...] Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente (Weil, 2001, p. 43).

Weil procura ilustrar este processo de desenraizamento citando o próprio trabalho missionário da Igreja, quando esta concebe que a garantia de seus privilégios está de acordo com a natureza divina em si, pois “Cristo disse: ‘Fazei discípulos todas as nações e batizai aqueles que crêem’. Ele jamais disse: ‘Obriguem-nas a renegar tudo que seus pais tiveram por sagrado, e a adotar como livro santo a história de um pequeno povo desconhecido para eles’” (Bingemer, 2007, p. 157).

Destarte, quando se priva o ser humano de constituir-se sobre suas múltiplas raízes que lhe são inerentes naturalmente, opera-se uma violência de consciência, além da violência física que pode ser citada nas Cruzadas e na Inquisição.

4 A mística da descrição: considerações propedêuticas

A concepção que Weil possui de Deus é, em sua essência, não violenta. Não considera que se possa falar de Deus a não ser como amor, pois Ele é bom antes de ser poderoso, e é pela sabedoria, e não pelo poder, que Ele é senhor do mundo (Weil, 2001). A Igreja, por sua vez, perverteu este conceito de Deus ao pactuar com o império da força, fazendo crer no poder de Deus antes de sua bondade, e que Ele apenas agiria com benevolência àqueles que estivessem submissos à sua autoridade.

A convertida Simone Weil, na formulação de seu sistema intelectual e interior, irá entender o amor sempre em consonância com sua experiência ainda criança, ou seja, de ser madrinha de um soldado, ao qual alimentava na frente de batalha, o que implica que ela nunca conceberá o amor sem que este signifique essencialmente um compartilhamento incondicional de todas as dores do ser amado. E este compartilhamento é a própria compaixão, por vezes dolorosa, que convergia necessariamente para seu anseio de comunhão com a paixão de Cristo, como irá ressaltar Bingemer:

Para ela, esse desejo era, indubitavelmente, inseparável da compaixão que experimentava diante do sofrimento do outro, do próximo, do infeliz. Essa compaixão a acompanhou e a atormentou. É ela mesma que diz [...] no livro *A espera de Deus*: “para quem ama de verdade, a compaixão é um tormento” (Bingemer, 2009, p. 21).

É imprescindível ressaltar as situações que possibilitaram Weil a ter uma experiência mística preliminar de Deus a partir de Cristo, que formularam sua concepção e o seu desejo de partilhar dos seus sofrimentos. Sendo assim, remontamos à sua passagem por uma aldeia portuguesa após sua saída da fábrica. Encontrando-se em um estado físico miserável, mutilado pela experiência da condição operária, ela estava à beira mar quando as mulheres dos pescadores andavam em procissão ao redor dos barcos, entoando cânticos de uma tristeza realmente dilacerante. Essa experiência ímpar fez com que ela tivesse para sempre a convicção de que o cristianismo é a religião dos escravos, e que estes necessariamente devem aderir a ela (Weil, 2009).

Posteriormente, ao passar alguns dias em Solesmes durante a Páscoa, acompanhando os ofícios de oração, era acometida por intensas dores de cabeça, tamanhas que cada som era recebido por ela como um golpe. Todavia, um extremo esforço de atenção permitiu com que ela saísse daquela carne miserável que sofria, deixando-a sozinha, e descobrisse uma pura e perfeita alegria na beleza incomum dos cantos. Assim, analogamente, ela compreende que é possível amar a Deus através do sofrimento. Segundo ela, “[...] no decurso desses ofícios, o pensamento da Paixão de Cristo entrou em mim de vez” (Weil, 2009, p. 61).

Estas ocasiões são de extrema importância para se compreender a constituição da sua fé em um Deus essencialmente não violento, a partir do que ela irá delinear um percurso místico que possibilita o amor de Deus em meio aos sofrimentos, mesmo os mais intensos, causados pelo mecanismo da necessidade.

4.1 A descrição

Inicialmente, é preciso reconhecer então a filosofia weiliana como filosofia do exercício transcendental do espírito. É crucial elucidar que, nesta progressão transcendental do espírito, na qual empreende-se uma busca pela conversão e transformação em vista de um acolhimento pleno do Ser, o que por excelência é filosofia, é necessário percorrer estágios que a pensadora denominou categorias filosóficas da evolução transcendental do espírito, às quais são fundamentadas no estoicismo, no platonismo e nos pitagóricos (Estelrich, 2009) e por meio das quais os desejos particulares vão sendo extinguidos para ceder espaço ao desapego, até se chegar à descrição. Elas consistem, sucessivamente, em: desapego, atenção, harmonia e descrição. Para explicitá-las de maneira didática, recorreremos novamente a Carvalho e Fachin (2009):

Para Weil, desapego é o primeiro passo para o aperfeiçoamento espiritual. Pode ser descrito como um esforço humano que acaba com a ligação com objetos e segurança terrenos, e encoraja a pessoa a viver uma vida melhor orientada para a transcendência. Ao ser desapegada, a pessoa é capaz de quebrar as correntes que a ligam a desejos e medos terrenos para transformar a concepção de tempo “histórico-linear” em “eterno-circular”; e para ser transformada pela contemplação da beleza da Terra. Quando o desapego é alcançado, a pessoa está pronta para entrar em um segundo estágio da perfeição espiritual: atenção. [...] a atenção consiste em suspender nosso pensamento, deixando-o distante, vazio, sem buscar qualquer coisa, e pronto para receber aquilo que deve preenchê-lo em sua verdade pura. Pelo exercício da atenção, a pessoa se livra das preocupações do passado e do futuro, e é capaz de perceber o instante presente em toda a sua intensidade. Quando isso ocorre, a pessoa entra em um terceiro estágio do progresso espiritual: harmonia. [...] a harmonia é um ajuste melódico entre a pessoa e o universo. Uma pessoa alcança esse estado através da contemplação da beleza do mundo e as contradições que compõem a estrutura da realidade. Através dela, a alma é arrastada em direção a presença de Deus, e aprende como obedecer. Quando isto ocorre, o indivíduo atingiu o último estágio da perfeição espiritual: *descrição*.

Estelrich relaciona a filosofia weiliana à doutrina pitagórica ao definir descrição:

Na filosofia weiliana, descrição é o processo de “autoesvaziamento”, “autocancelamento”, e “autossacrifício” que torna uma pessoa totalmente obediente à vontade de Deus. Para Weil, é apenas aceitando este processo kenótico-descricional que a pessoa é capaz de descobrir o único mediador em Cristo, isto é, “a chave que junta o Criador e a criação”, a ponte que conecta “Deus e nós, de um lado, e do outro, Deus e o universo” (Doutrina Pitagoreana) (Estelrich, 2009, p. 13).

A partir de então, é possível compreender os elementos principais que ligam a filosofia weiliana com a tradição cristã, ou seja, sua convicção de que Cristo é o único mediador e o processo descriacionista para obter a salvação. Estes elementos são centrais no pensamento de Weil, e para entendermos isso de forma correta é necessário considerar a sua experiência mística a partir da pessoa do Cristo, uma vez que:

Weil ficou vinculada com Cristo através de um encontro pessoal com ele, que a levou a uma entrega total à sua pessoa. Weil, imitando a *kenosis* (esvaziamento) de Cristo na cruz, esvaziou-se de qualquer tipo de idolatria; ela implorou desesperadamente a Deus para tornar em nada; e ela reproduziu, no seu estilo de vida e morte, o último sacrifício de Cristo (Estelrich, 2009, p. 13).

Necessariamente, compreende-se o anseio pelo ato de descreiar-se para dar lugar a Deus na vida de Simone Weil, pelo que ela dirá: “Nada possuímos no mundo — pois o acaso pode nos tirar tudo — a não ser o poder de dizer ‘eu’. É isso que devemos dar a Deus, ou seja, destruir. Não há absolutamente nenhum outro ato livre que nos seja permitido, exceto a destruição do eu” (Weil, 1993, p. 27).

Logo, é possível percebermos que o relacionamento místico com o transcendente, em sua última expressão, isto é, a descreiação, significa um ato semelhante ao do Cristo crucificado, a *kenosis*. Weil formula e ordena, então, elementos que culminam em uma alternativa para a violência religiosa, sendo a experiência de um Deus fundamentalmente não-violento a condição para uma prática religiosa coerente.

5 Considerações finais

Este artigo teve como finalidade explorar o problema da violência e sua relação com as religiões institucionalizadas, isto é, o judaísmo histórico e o catolicismo, no pensamento de Simone Weil. A experiência religiosa se constitui como algo fundamental na vida do ser humano, e quando ela é permeada por uma força violenta colonizadora, torna-se meio de sofrimento e desenraizamento da vida. Do contrário, quando pautada em uma atitude de compaixão essencialmente de acordo com a proposta de Cristo, pode se tornar um meio emancipador do ser humano.

Em um primeiro momento, fez-se uma localização de Simone Weil no contexto do século XX, permeado por acontecimentos onde a crueldade se revela em sua máxima expressão, como nas guerras mundiais, e que esclarece a preocupação eminentemente prática da filosofia assistemática e fragmentária de Weil. Em seguida, adentrou-se na preocupação central do trabalho, a saber, a violência religiosa. Foi possível evidenciar elementos como o intento

colonizador presente nas religiões institucionalizadas com as quais a pensadora dialoga, que ao invés de desempenhar um trabalho de evangelização coerente, acabam por destituir a vida humana de suas raízes.

Enfim, foi feita uma abordagem da experiência mística de descreção que se configura como uma proposta da filósofa diante da realidade crítica de violência e desenraizamento por parte das religiões que são objeto de sua reflexão, sendo possível conceber Deus como um ser não-violento que compõe o ego humano desde que este esteja disposto a realizar um processo categórico que culmina na negação de si mesmo e na conseqüente assimilação e comunhão com o transcendente.

Referências

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil**: a força e a fraqueza do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Simone Weil: uma mística para o século XXI. *In*: TEIXEIRA, F. (org.). **Caminhos da mística**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2012, p. 135-164.

CARVALHO, Gilda; FACHIN, Patrícia. Filosofia weiliana: um processo de contemplação. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, n. 313, p. 12-14, 3 nov. 2009.

ESTELRICH, Tomeu. Filosofia como exercício espiritual: Simone Weil e Pierre Hadot. *In*: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Paulinas, 2009, p. 39-57.

MARTINS, Alexandre Andrade. **A pobreza e a graça**: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Paulus, 2013, p. 15-92.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Trad. Therezinha Gomes Garcia Langlada, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WEIL, S. **A gravidade e a graça**. Trad. Paulo Neves, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEIL, Simone. **Espera de Deus**. Trad. Manuel Maria Barreiros, Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

WEIL, Simone. **O enraizamento**. Trad. Maria Leonor Loureiro, Bauru: Ed. EDUSC, 2001.